

UMA REPRESENTAÇÃO DA LÍNGUA: A TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA DE ANSCOMBRE E DUCROT

Helena Trigo

Influenciados pela teorização de Austin (1962) e de Searle (1969), inspirados por princípios saussureanos e pretendendo ser continuadores de Benveniste, Anscombre e Ducrot desenvolveram, desde os anos setenta, uma teoria que se tem imposto no campo da Linguística, nomeadamente em estudos em língua francesa.

1. A versão "standard"

A versão inicial, apelidada "standard" (cf. Ducrot 1990: 81), foi construída a partir da observação do funcionamento de alguns elementos linguísticos, como *peu, un peu e mais*. Na altura, dois tipos de preocupações caracterizavam o posicionamento teórico dos autores: Primeiro, demarcar-se da tendência para "alargar" a análise lógica ao estudo das línguas naturais, nomeadamente dos conectores. Segundo, opor-se às abordagens "descritivistas", com a sua redução do estudo do sentido ao nível informativo. Terá sido muito provavelmente este segundo objectivo que determinou em grande parte a escolha do nome pelo qual a teoria é conhecida. De facto, a expressão "argumentação na língua" alerta para a existência de uma argumentatividade a nível profundo, ou abstracto, a relacionar com a informatividade.

O Conceito de Representação

1.1. "A lógica da linguagem"

A procura de uma lógica, em sentido lato, específica da linguagem, vem das primeiras publicações de Ducrot. Já em 1966 escrevia, num artigo intitulado "Logique et linguistique", que foi publicado de novo em 1973:

Une fois qu'on s'est débarrassé de l'idée qu'il faut, à tout prix, retrouver la logique dans le langage, il reste possible de chercher une logique du langage. (...) Nous voulons suggérer qu'il existe des relations proprement linguistiques, et susceptibles d'une description systématique, dont un terme est un énoncé complet, et l'autre, soit un énoncé, soit une situation de discours.

(Ducrot 1973: 25)

É precisamente em Ducrot (1973) que toma forma o projecto inicialmente intitulado "lógica da linguagem", com a apresentação dos conceitos essenciais num capítulo dedicado às escalas argumentativas. Estes conceitos são os de orientação e força argumentativas dos enunciados, isto é, " le type de conclusions qu'ils sont censés amener et (...) le poids qu'ils prétendent donner à ces conclusions" (Ducrot 1973: 9). É de referir que estes conceitos já tinham sido usados para a descrição de "mais", em Ducrot (1972), e continuaram a sê-lo em aperfeiçoamentos posteriores (cf. Ducrot 1982 e 1983, passim).

1.2. A argumentação na língua

É em 1976 que Anscombe e Ducrot sintetizam numa expressão que vai perdurar longos anos a sua perspectiva teórica. O artigo intitulado "L'argumentation dans la langue" é retomado em 1983 numa recolha de artigos que apresenta o mesmo título. Trata-se de um artigo fundamental (nomeadamente a nível metodológico), consistindo num aperfeiçoamento e numa continuação da então chamada teoria das "escalas argumentativas".

A realçar, em primeiro lugar, o posicionamento referente às relações entre pragmática e semântica, com a defesa da noção de retórica integrada (restrições argumentativas), a introduzir numa pragmática também "integrada" (expressão de Culioli) na descrição semântica (Anscombe e Ducrot 1983: 20). É nesta sequência que afirmam:

Nous n'avons pas cherché, jusqu'ici, à définir l'argumentativité: nous avons seulement montré, sur des exemples, que la description sémantique d'un énoncé ne peut pas se réduire, à quelque niveau que se soit,

Uma Representação da Língua

à une sémantique informative (celle de Morris), mais qu'elle doit contenir, dès le départ, des indications concernant l'utilisation éventuelle de cet énoncé pour appuyer tel ou tel type de conclusion.

Anscombe e Ducrot 1983: 27

É neste artigo que aparecem explicadas as noções de orientação argumentativa ("utiliser l'énoncé A en faveur de la conclusion C", "présenter A comme devant amener le destinataire à conclure C), de argumento mais forte ("considérer A comme plus efficace que B en faveur de C") (ibidem: 27-28), e de "estrutura argumentativa" ("il s'agit d'une orientation interne des énoncés vers tel ou tel type de conclusions, orientation non déductible du contenu informatif." (Ibidem: 35).

Também aparecem definidas outras noções fundamentais, como *enunciação* ("atividade de linguagem exercida pelo falante no momento em que fala"), *enunciado-ocorrência* (produto linguístico do processo da enunciação), *enunciado*¹ ("ce qui subsiste de l'énoncé-occurrence lorsqu'on fait abstraction de l'aspect événementiel de ce dernier"), *acto de fala ilocutório* ("des actions spécifiques à certains modes de dire et accomplis dans ces dire") e *conteúdo* [les contenus (...) sont des formules du métalangage"]. (Ibidem: 36-38).

É com estes conceitos, alguns ligeiramente reformulados, que são feitos estudos sobre conectores como "mais", "d'ailleurs", ou sobre operadores como "peu" e "un peu" (cf. Anscombe e Ducrot 1977, Ducrot et alii 1980, Anscombe e Ducrot 1983, entre outros).

Em paralelo com a teoria da argumentação, Ducrot desenvolveu a teoria da polifonia, propondo, já desde 1980, a reformulação de análises de conectores em termos polifônicos (cf. Ducrot et al. 1980: 233 sgg.)²

Mas na visão do autor não é a integração do conceito de polifonia que marca nova fase na teoria, é antes a utilização da noção de *topos*, que se torna notória a partir de 1982 (cf. Ducrot 1982: 147).

¹ Em 1983 é proposta a "substituição" das ocorrências de "énoncé" por "phrase".

² A teoria polifônica conduz a desdobramentos tanto na representação do habitualmente chamado sujeito falante (desenvolvendo os conceitos de locutor e de enunciador) como na do interlocutor (introduzindo os conceitos de alocutário e destinatário) (cf. Ducrot 1984 e Ducrot 1990).

2. A teoria dos *topoi*

No intuito de aperfeiçoar a teoria e resolver alguns problemas colocados pelo funcionamento de operadores argumentativos como "ne ... que" e "presque", Ducrot preconiza uma nova versão centrada na noção de *topos*, princípio argumentativo gradual, apresentado como geral, (i.e. válido em situações análogas) e partilhado (pré-existente e comum), subjacente a qualquer relação argumentativa (cf. Ducrot 1983: 33).

Segundo Ducrot, é esta noção que funda a "segunda" etapa da teoria da "Argumentação na língua", ou "argumentativismo radical" (Anscombe 1995, dir.: 85).

2.1. Primeira versão

A noção de *topos* revelou-se extraordinariamente útil na descrição dos operadores argumentativos, permitindo explicar casos em que um mesmo enunciado (modificado por "ne... que", por exemplo) podia apoiar duas conclusões opostas, e favorecendo o aparecimento de uma nova concepção de "operador argumentativo" (cf. Ducrot 1982 e 1983).

2.2. A reformulação da teoria dos *topoi*

Em Anscombe e Ducrot (1986: 87), sob o título de argumentativismo radical, é reconhecida a necessidade de revisão de parte das formulações e de algumas teses da obra *L'argumentation dans la langue* (1983). Esta revisão passa pela tentativa de impor a seguinte tese geral:

(...) un *topos* consiste en une correspondance entre deux gradations non numériques, même s'il peut se faire que certaines interprétations consistent à plaquer sur ces gradations des échelles numériques familières.

(Ibidem: 88)

Por outro lado, a atenção começa a deslocar-se dos operadores argumentativos ("peu" e "un peu", por exemplo) para o léxico em geral, propondo-se os autores descrever os predicados da língua como feixes de *topoi* (ibidem: 89). Nesta fase não se considera, como na fase anterior, que são os operadores argumentativos a introduzir a argumentação, esta é encarada como já presente nas frases "de parti-

Uma Representação da Língua

da", através dos *topöi*. Os operadores limitam-se a especificar a forma como os *topöi* devem ser utilizados (ibidem: 92).

Posteriormente, em 1988, Ducrot dedica-se ao aprofundamento da noção de forma tópica (FT), desenvolvida a partir da concepção do carácter gradual dos *topöi* (cf. Anscombe 1995, dir.: 86 sgg.).

É a propósito desta concepção que o autor faz as seguintes observações: Primeiro, a gradualidade do *topos* não implica de forma alguma que os predicados que aparecem no encadeamento discursivo sejam graduais (ibidem: 86). Segundo, atendendo a que uma escala se pode percorrer em dois sentidos (para cima e para baixo), pode afirmar-se que o *topos* põe em correspondência dois sentidos de percurso, o da escala antecedente e o da consequente. Nesta sequência introduz o autor a noção de forma tópica, de *topos* concordante e de *topos* discordante:

Si le *topos* associe à chacun des deux sens de parcours de l'échelle antécédente un sens de parcours déterminé de l'échelle conséquente, il est clair (...) que chaque *topos* peut apparaître sous deux formes [que j'appelle "formes topiques"(...)]. Ainsi, un *topos*, dit *concordant*, fixant pour ses deux échelles P e Q le même sens de parcours, peut apparaître sous les formes, que j'appellerai *converses*, "+P,+Q" et "-P,-Q" (...). De même un *topos discordant*, attribuant à P et à Q des directions de parcours opposées, peut se présenter sous les deux formes *converses*: "+P,-Q" et "-P,+Q".

(Anscombe 1995, dir.: 87)

É de notar que, sendo contrários, nada obsta a que os *topöi* atrás referidos sejam ambos considerados válidos pelo mesmo sujeito falante, verificando-se incompatibilidade apenas a nível dos enunciadores (ibidem: 88).

Posto isto, passa o autor a descrever os encadeamentos que ligam o argumento A à conclusão C. Em resumo, estes exigem a escolha de um *topos*, de uma forma tópica (FT) e, quando há encadeamento argumentativo, a decisão de utilizar a FT para uma conclusão determinada (ibidem: 89).

Quanto a aplicações lexicais, o autor situa-se no início de uma pesquisa em conjunto (com S. Bruxelles e P. Y. Raccah) e limita-se ao estudo de quatro adjetivos (*prudent*, *téméraire*, *poltron* e *courageux*) (ibidem: 95).

Perante as dificuldades reconhecidas em Ducrot (1988) cabe-nos perguntar: se o aparelho descritivo é insuficiente para analisar, por exemplo, encadeamentos como "X a été courageux et même

O Conceito de Representação

téméraire" como poderá servir para estudar 'encadeamentos' mais complexos? Por outro lado, o desenvolvimento do aparato teórico poderá permitir o esclarecimento de certos fenómenos discursivos, correndo no entanto o risco de se tornar demasiado "pesado" para o tratamento de outros.

Em Ducrot (1993: 239) verifica-se uma insistência na distinção entre *topöi* extrínsecos, os primeiros a serem considerados (que são suporte de encadeamentos discursivos), e *topöi* intrínsecos (à significação), paralelamente a uma auto-crítica (ibidem: 241) cujo desenvolvimento conduzirá à "marginalização" progressiva do conceito de *topos*, após ter sido cuidadosamente trabalhado num artigo conjunto (cf. Bruxelles, Ducrot, Raccah 1993).

Mas vejamos em que consiste a última versão (publicada) da teoria.

3. A teoria dos modificadores realizantes e desrealizantes.

A última versão da teoria, segundo Ducrot, aparece em 1995 num artigo intitulado "Les modificateurs déréalisants" (*Journal of Pragmatics* 24, 145-165).

Ducrot começa por lembrar, nos preliminares, que a introdução da noção de *topöi* intrínsecos na Teoria da Argumentação na Língua permitiu descrever palavras de conteúdo lexical como os nomes e os verbos como "feixes de *topöi*". Assim, afirma o autor, "appliquer ces mots à des objets ou à des situations, c'est indiquer certains types de discours possibles à propos de ces objets ou situations." E exemplifica da seguinte forma:

Qualifier de 'travail' l'activité de quelqu'un, c'est ainsi évoquer des discours du genre 'Il va donc être fatigué', ou 'Pourtant il ne sera pas fatigué'. Mais nous admettons d'autre part que les *topöi* peuvent, d'une façon générale, être appliqués avec plus ou moins de force: (...) autrement dit, certains enchaînements discursifs peuvent être donnés comme plus ou moins nécessaires que d'autres.

(Ducrot 1995: 145)

Jogando com estas duas hipóteses, Ducrot conclui que "a significação das palavras, sendo constituída por *topöi*, comporta um tipo de gradualidade".

Assim, aparece a seguinte caracterização dos modificadores (referindo-se a adjectivos e advérbios):

Uma Representação da Língua

Les modificateurs qui m'intéressent ici explicitent des caractères dont la présence diminue ou augmente l'applicabilité d'un prédicat, c'est-à-dire, pour moi, la force avec laquelle on applique, à propos d'un objet ou d'une situation, les *topöi* constituant sa signification.

(Ibidem: 146)

Verificamos assim que a questão da gradualidade é tratada através do recurso a modificadores (realizantes e desrealizantes), que servem de teste para melhor a detectar. Estes são apresentados como palavras que determinam outras aumentando-lhes a força (realizantes) ou diminuindo-lha ("contrariando os discursos argumentativos" a elas ligados) (desrealizantes). Por sua vez os modificadores desrealizantes são divididos em atenuadores e inversores.

Em Ducrot 1995 são apresentadas as seguintes definições:

Un mot lexical Y est dit 'MD' par rapport à un prédicat X si et seulement si le syntagme XY:

- (i) n'est pas senti comme contradictoire
- (ii) a une orientation argumentative inverse ou une force argumentative inférieure à celles de X.

Si XY a une force argumentative supérieure à celle de X, et de même orientation, Y est un MR.

(Ducrot 1995: 147)

Mas os modificadores necessitam por sua vez de critérios para ser identificados, e o teste usado consiste na aplicação de "continuações" introduzidas por *même* (para os modificadores realizantes) e *mais* (para os desrealizantes).

Assim, o autor apresenta os seguintes exemplos (assinalados por nós com as siglas MD e MR):

- Il y a une solution, mais difficile. (MD)
- Il y a un problème, mais facile. (MD)
- Il y a une solution, et même facile. (MR)
- Il y a un problème, et même difficile. (MR)

(Ducrot 1995: 149)

É de notar que, como é habitual neste tipo de abordagem, o que está em causa é uma aceitabilidade "básica", sendo postos de parte, por princípio, fenómenos ligados a estratégias argumentativas complexas.

4. Observações conclusivas

Após uma breve panorâmica desta representação da língua que é a Teoria da Argumentação na Língua de Anscombe e Ducrot, será talvez oportuno explicitar a nossa "representação" da referida representação.

Tratando-se de uma teoria semântico-pragmática que ao longo de trinta anos sempre lutou contra o reducionismo da tendência dominante em linguística (que no início era chomskineana), e mais especificamente em semântica, e que pela sua preocupação em inter-relacionar semântica e pragmática sempre contribuiu para fazer avançar e prestigiar a pragmática linguística, apresenta, por seu lado, algumas limitações que importa referir.

Para além do facto de estar neste momento em fase de reformulação radical, o que já de si acarreta certas imprecisões, que julgamos passageiras, há uma característica que lhe é habitual e que exige uma observação crítica.

Trata-se do recurso sistemático à introspecção, que leva à elaboração da reflexão linguística a partir de exemplos "construídos" pelos linguistas, em vez de exemplos do discurso autêntico. Esta opção teórico-metodológica poderá explicar uma certa "rigidez" do modelo proposto, que apresenta dificuldades quando se trata de testar a sua aplicabilidade ao discurso.

É claro que os próprios autores, de vez em quando, tentam mostrar a validade da teoria para a análise do discurso, mas recorrem sempre a exemplos muito curtos. Ora o problema coloca-se essencialmente quando se trata de estudar sequências argumentativas complexas (para a análise das quais é difícil encontrar modelo adequado).

Por outro lado, sem procurar invalidar o valor heurístico da representação da língua como eminentemente argumentativa, não podemos deixar de lembrar, precisamente para estudo de sequências argumentativas complexas, o interesse de perspectivas como as dos actos de linguagem, perspectivas interaccionistas (conversacionais), perspectivas lógico-discursivas e discursivo-textuais, que pretendem contemplar, na panorâmica da linguística moderna, o aspecto dialéctico da relação língua-discurso.

Referências bibliográficas

- ANSCOMBRE, Jean-Claude (1995), "De l'argumentation dans la langue à la théorie des *topöi*", in J.-C. Anscombe (dir.), *Théorie des topöi*, Paris, Kimé.
- ANSCOMBRE, Jean-Claude (dir.) (1995), *Théorie des topöi*, Paris, Kimé.
- ANSCOMBRE, Jean-Claude, O. DUCROT (1977) "Deux 'mais' en français?", *Lingua* 43, 23-40.
- ANSCOMBRE, Jean-Claude, O. DUCROT (1983), *L'argumentation dans la langue*, Bruxelles, Pierre Mardaga éd.
- ANSCOMBRE, Jean-Claude, O. DUCROT (1986), "Argumentativité et informativité", in *De la Métaphysique à la Rhétorique. Essais à la Mémoire de Chaim Perelman (...)*, M. Meyer (ed.), Bruxelles, Éditions de l'Université de Bruxelles, 79-94.
- AUSTIN, J. L. (1962), *How to do things with words*, Oxford, University Press, London.
- BRUXELLES, Sylvie (1989-1992), "Towards the automatic construction of *topöi* from the lexicon", *CCAI, The Journal for the Integrated Study of Artificial Intelligence Cognitive Science and Applied Epistemology*, v. 6, n. 4, 309-328.
- BRUXELLES, Sylvie, O. DUCROT, P.-Y. RACCAH (1993), "Argumentation et champs topiques lexicaux", *Cahiers de Praxématique* 21, 88-104.
- DUCROT, Oswald ([1972] 1980²), *Dire et ne pas Dire. Principes de sémantique linguistique*, Paris, Hermann.
- DUCROT, Oswald (1973), *La preuve et le dire*, Paris, Mame.
- DUCROT, Oswald (1982), "Note sur l'argumentation et l'acte d'argumenter", *Cahiers de Linguistique Française* 4, 143-163.
- DUCROT, Oswald (1983) "Opérateurs argumentatifs et visée argumentative", *Cahiers de Linguistique Française* 5, 7-36.
- DUCROT, Oswald (1984), *Le dire et le dit*, Paris, Ed. de Minuit.
- DUCROT, Oswald (1988), "Topöi et formes topiques", *Bulletin d'études de linguistique française*, Tokyo, n. 22, 1-14. Publicado com aperfeiçoamentos em J.-C. Anscombe (dir.) (1995), 85-99.
- DUCROT, Oswald (1990), *Polifonia y Argumentacion. Conferencias del Seminario Teoría de la Argumentacion y Análisis del Discurso*, (Universidad del Valle-Cali, 1988), Cali.
- DUCROT, Oswald (1993), «Les *topöi* dans la "Théorie de l'argumentation dans la langue"», in C. Plantin (dir.), *Lieux communs. Topöi, stéréotypes, clichés*, Paris, Kimé.
- DUCROT, Oswald (1995), "Les modificateurs déréalisants", *Journal of Pragmatics* 24, 145-165.
- DUCROT, Oswald et al. (1980), *Les Mots du Discours*, Paris, Ed. de Minuit.

O Conceito de Representação

- MOESCHLER, Jacques (1985), *Argumentation et Conversation. Éléments pour une Analyse Pragmatique du Discours*, Paris, Hatier-Crédif.
- RACCAH, Pierre-Yves (1990), "Signification, sens et connaissance: une approche topique", *Cahiers de Linguistique Française* 11, 179-198.
- SEARLE, John (1969), *Speech Acts: an Essay in the Philosophy of Language*, Cambridge, Cambridge University Press.